

## A PARTICIPAÇÃO ATIVA DE MARIA DE NAZARÉ NA PAIXÃO, MORTE E RESSURREIÇÃO DE JESUS

A Igreja, solícita à vontade do seu Senhor, repete as palavras, os gestos e utiliza os mesmos elementos de “pão e de vinho” que ele tomou em suas santas e veneráveis mãos para perpetuar sua presença no meio do seu “novo povo”<sup>1</sup>. Em todos os tempos e lugares aonde o Cristianismo foi alcançado, a Liturgia ocupou o coração da **missão e pregação** dos Apóstolos e de todos os que têm fé nas palavras do Ressuscitado: “Eis que estarei convosco até a consumação dos séculos” (cf. Mt 28, 20). Por providência de Deus, aqui vamos encontrar a pessoa de Maria dentro do culto cristão, sendo lembrada como a primeira redimida, tendo o seu lugar dentro da “comunhão” perfeita de Deus na Igreja Gloriosa. Enquanto a Igreja Militante depois de interceder pela Igreja Padecente, se reacende a esperança em seu coração ao recordar os já glorificados: “Dai-nos participar da vida eterna, com a Virgem Maria, mãe de Deus, Com São José seu esposo, com os santos apóstolos e todos os que neste mundo vos serviram, a fim de vos louvamos e glorificarmos por Jesus Cristo, vosso Filho”<sup>2</sup>. Encontramos Maria como perfeita colaboradora e propagadora do Plano Divino da Salvação de Deus, iniciado lá no Paraíso (Gn 3, 15) e consumado no episódio da Cruz (Jo 19, 28-30). Isto não exclui sua presença na Instituição da Igreja (Mt 16, 18), e também não é um empecilho para continuar a mensagem da vida que o Rei vitorioso entregou aos discípulos (Mt 28, 18-19).

Tendo completado quase três anos do início da pregação de Jesus e a realização do primeiro sinal na festa de Caná lá na Galileia, os Evangelhos ficam em silêncio sobre a pessoa da Virgem Maria por dois motivos: o primeiro é o mais forte, os escritos da Boa-Nova foram registros de fé para falarem exclusivamente de Jesus (At 1, 1-3) e de suas ações salvadoras; já o silêncio sobre a atuação ou a peregrinação de Maria foi justamente para sabermos qual é o lugar e o papel exato dela na Revelação de Deus e na vida da Igreja nascente. Isto jamais diminui sua grandeza, muito pelo contrário, faz jus ao seu hino entoado na casa de Isabel, quando ela reconhece o lugar em que Deus a colocou, e por isto “todas as gerações lhe chamariam de bem-aventurada porque o Todo-Poderoso fez nela maravilhas” (cf. Lc 2, 48-49). Mesmo os evangelistas acenando para a presença física de Maria só uma vez em companhia dos outros parentes que vão ao encontro de Jesus na sua atividade missionária (Mt 12, 46-50), hoje sabemos que ela sempre foi um membro ativo no Apostolado de seu Filho.

---

<sup>1</sup> Esta expressão “novo povo de Deus” foi amplamente explicada teologicamente pelo grande teólogo Joseph Ratzinger, seguindo o pensamento eclesiológico de Santo Agostinho, bispo de Hipona.

<sup>2</sup> Fragmento da Oração Eucarística II do Ritual da Missa de Rito Latino.

## **A Virgem Maria envolvida pelo Mistério da Santíssima Trindade**

Quando chegamos nos relatos da Paixão e Morte de Jesus, a Virgem Maria aparece com o seu amor de mãe, do mesmo modo em que ela esteve no nascimento de seu Menino. Chamada de a “Nova Eva” ao lado do “Novo Adão”, foi o instrumento primordial para a Encarnação, tendo também um papel primário na Crucifixão, Morte e Ressurreição, como também na descida do Espírito Santo no Pentecostes. Descobrimos assim que a Escritura faz a ligação da “Mãe de Jesus” (Jo 19, 25) com estes três momentos da mediação absoluta de Cristo.

Um dado material e biológico não podemos perder de vista: a carne e o sangue humanos de Maria foram necessários tanto para Encarnação, quanto para Morte de Cristo, tornando assim “cooperação” dela na ação redentora realizada pelo Filho de Deus.

Se olharmos com a ótica da teologia trinitária, é aqui que entenderemos a profecia de Simeão; “movido pelo *Espírito Santo*” foi ao Templo, tomou Jesus nos braços, fruto do ventre da esposa de José, e orou ao *Pai Criador*. “Agora Senhor já podes deixar...” (Lc 2, 29-32). O velho servo do Senhor decretou o que viu e nesta visão estava presente ativamente a Mãe, e, reclamando dela a consciência de sua cooperação, assim lhe disse: “Uma espada de dor lhe atravessaria a alma” (cf. Lc 2, 53). Encontramos a figura materna de Maria sendo preparada para o futuro! Não sabia ao certo o que Deus lhe reservara, mesmo assim não duvidou; aquilo que não podia entender, “guardava todas essas coisas em seu coração” (Lc 2, 48) com grande respeito. Resumindo, para entendermos a participação ativa de Nossa Senhora na Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo, temos que voltar exatamente ao episódio da apresentação do menino no Templo.

## **Maria participa ativamente da regeneração do gênero humano**

Não faz parte do “devocionismo histórico” afirmar que a Virgem Maria participou da redenção da humanidade no Plano da Salvação de Deus. Os primeiros cristãos já aceitavam como algo comum à fé ortodoxa da Igreja e não havia conflito nenhum entre a Revelação e a Tradição. Cremos ser necessário voltarmos ao século IV e lermos um pequeno fragmento dos escritos de São João Crisóstomo para entendermos melhor este assunto. Vejamos:

Cristo venceu o diabo valendo-se dos mesmos meios com que este tinha vencido: e, tomando as mesmas armas que ele tinha usado,

derrotou-o. Ouve como o fez. A virgem, o lenho e a morte foram os sinais de nossa derrota. A virgem era Eva, pois ainda não conhecera homem; o lenho era a árvore; a morte, o castigo de Adão. E eis que de novo a virgem, o lenho e a morte, que foram sinais da nossa derrota, se tornaram sinais de nossa vitória. Com efeito, em vez de Eva está Maria; em vez da árvore da ciência do bem e do mal, o lenho da cruz; em vez da morte de Adão, a morte de Cristo.

Vês como o demônio foi vencido pelos mesmos meios com que vencera? Na árvore, ele fez Adão cair; na árvore, Cristo derrotou o demônio. A primeira árvore conduzia à região dos mortos; mas a segunda fez voltar até mesmo os que haviam descido para lá. O primeiro homem, já vencido e nu, se escondera entre as árvores; Cristo, porém, vitorioso, se mostra a todos, também nu, do alto de um lenho. A primeira morte condenou os que nasceram depois dela; mas esta morte ressuscitou até mesmo aqueles que nasceram antes dela. Quem contará os grandes feitos do Senhor? (Sl 105, 2). Por uma morte, nos tornamos imortais: são estes os magníficos prodígios da cruz.<sup>3</sup>

Neste texto encontramos uma profunda teologia mariana inseparável da cristologia da Igreja.

### **Maria na Ressurreição de Jesus: silêncio ou falta de interesse dos evangelistas em relatarem?**

Não encontramos nenhum relato nos Evangelhos que apresenta a participação de Maria como aquela que viu por primeiro o Ressuscitado. Alguns podem dizer: “Mas por que Jesus não apareceu primeiramente à sua mãe, em vez de aparecer a Maria Madalena?” Será que a mãe não era mais importante que os apóstolos? Quais respostas a teologia mariana deve dar para estas perguntas? Veremos!

Ao relatar João que o Ressuscitado aparece primeiramente a Maria Madalena<sup>4</sup>, quis o evangelista dar veracidade ao fato da ressurreição. Qual o motivo? Primeiro porque o testemunho da mãe ou de alguém ligado à família de Jesus não teria a validade necessária para se dar crédito de fé ao evento; segundo, ele imputa à Maria Madalena a autoridade de testemunha ocular porque conforme os estudos exegéticos, Maria Madalena vem de uma região onde a compreensão teológica herdada por aquele povo, incutida pelos saduceus, não

---

<sup>3</sup> LITURGIA DAS HORAS, Segundo o Rito Romano, Tomo III. São Paulo: Vozes, 2000, pp. 1535-1537.

<sup>4</sup> “Madalena” não era o seu sobrenome, como popularmente se acredita. No seu tempo de vida o conceito de “sobrenome” não existia entre o povo judeu. O nome Madalena na realidade é um adjetivo que a descreve como sendo natural de Magdala, cidade localizada na costa ocidental do Mar da Galileia.

acreditava na ressurreição dos mortos<sup>5</sup>, por isto que João registra as palavras saídas da boca dela: “Eu vi o Senhor”! (Jo 20, 18). Quanto a crença de que o Ressuscitado tenha por primeiro ir visitar sua mãe para consolá-la, isto a Tradição do Cristianismo nascente teve sempre presente em seu coração. Vamos encontrar diversos relatos nas *Fontes Litúrgicas* do primeiro milênio da história da Igreja, partindo exatamente do Oriente, tendo como divulgadores deste magnífico evento diversos teólogos ou comentadores da fé, dentre eles, Santo Efrém (+373) e Gregório de Nissa (+392). Já na Igreja no Ocidente temos o grande Santo Ambrósio (+397) e Paulino de Nola (+431), e tantos outros. Estes relatos encontramos em textos homiléticos, poemas, pinturas e arte em geral.<sup>6</sup>

Sendo assim, o evangelista João oferece um implícito retrato espiritual da Virgem Maria dentro dos tempos quaresmais e pascais, ao registrar as palavras de Jesus que diz: “Se alguém me ama, guardará minha palavra e o meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada” (Jo 14,23). Estas declarações são dirigidas aos discípulos, mas podem ser aplicadas em máximo grau justamente Àquela que é a primeira e perfeita seguidora de Jesus. Foi ela a primeira que observou plenamente a palavra do seu Filho, demonstrando assim seu grande amor, não somente como mãe, mas primeiramente como serva humilde e obediente. No coração, a Virgem Maria meditava e interpretava fielmente tudo aquilo que o seu Filho Jesus dizia e fazia. Deste modo, já antes, e, sobretudo, depois da Páscoa, a Mãe do Ressuscitado se tornou também a Mãe e o modelo da Igreja. Eis o motivo de o Papa Paulo VI, após o Concílio Vaticano II reafirmar com toda a Comunidade de Fé que “Maria é Mãe da Igreja”, por causa de sua participação ativa no Projeto de Salvação de Deus e não pelo mero afeto dos cristãos. Vejamos:

Remida de um modo mais sublime, em razão dos méritos de seu Filho, e unida a Ele por um vínculo estreito e indissolúvel, foi enriquecida com a sublime missão e dignidade de Mãe de Deus Filho; é, por isso, filha predileta do Pai e templo do Espírito Santo, e com este insigne dom da graça, ultrapassa á todas as demais criaturas do céu e da terra. Está, porém, associada, na descendência de Adão, a todos os homens necessitados de salvação; melhor, «é verdadeiramente Mãe dos membros (de Cristo)...., porque cooperou com o seu amor para que na Igreja nascessem os fiéis, membros daquela cabeça». É, por esta razão, saudada como membro eminente e inteiramente singular da Igreja, seu tipo e exemplar perfeitíssimo na fé e na caridade; e a Igreja católica, ensinada pelo

---

<sup>5</sup> Os Saduceus (em hebraico: סַדּוּקִיִּים Šēdûqîm bn ê Sadôq, sadoquitas, em grego: Saddoukaios) é a designação da segunda escola filosófica dos judeus, ao lado dos fariseus. Também para esta seita ou partido é difícil determinar a origem. Sabemos que existiu nos últimos dois séculos do Segundo Templo, em completa discórdia com os fariseus, porém, conviviam em harmonia no tempo de Jesus.

<sup>6</sup> Para aprofundar mais sobre este assunto, sugiro a leitura do livro: “Maria, a Senhora da Páscoa” de Dom Rafael Maria Francisco da Silva, osb – membro da Academia Marial, publicado em 2014, aqui no Brasil pela Martyria.

Espírito Santo, consagra-lhe, como a mãe amantíssima, dedicando-lhe afeto de piedade filial.<sup>7</sup>

Maria não se torna mãe da Igreja por afinidade dos cristãos, repito, mas por dom de Deus dado aos novos membros de Jesus Cristo por meio do Batismo. É aqui que entendemos com toda a sua força o testamento material e espiritual do Senhor no alto da Cruz: “Mulher, eis aí o teu filho, filho eis aí tua mãe! Daquela hora em diante, o discípulo a recebeu em sua família” (cf. Jo 19, 27-28). Concluo dizendo: “A multifacetada missão de Maria, em relação ao povo de Deus, é, efetivamente, realidade sobrenatural, operante e fecunda no organismo da Igreja”<sup>8</sup>. Em nossa vida cristã devemos estar dispostos a seguir o exemplo de vida que nos mostrou o Senhor, mas também podemos seguir o exemplo que nos deixou Maria quando amou, bendisse a Deus, protegeu, cuidou, seguiu e obedeceu a Jesus Cristo nosso Messias na aceitação dos homens redimidos como seus filhos adotivos, desde o evento da Cruz.

Imploro a Nossa Senhora da Conceição Aparecida a graça de ver sempre a Igreja no Brasil sempre impelida a ser uma Comunidade eucarística, missionária e conhecedora da mensagem de vida contida nas Escrituras.

*Cônego José Wilson Fabrício da Silva, crl  
Membro da Academia Marial de Aparecida*

---

<sup>7</sup> DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 2001, p. 180 – (Clássicos de bolso).

<sup>8</sup> PRINCIPAIS DOCUMENTOS DOS PAPAS SOBRE NOSSA SENHORA: do beato Pio IX a Francisco/ Edson Luiz Sampel (organizador). São Paulo: Fons Sapientiae, 2017, p. 172.